



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

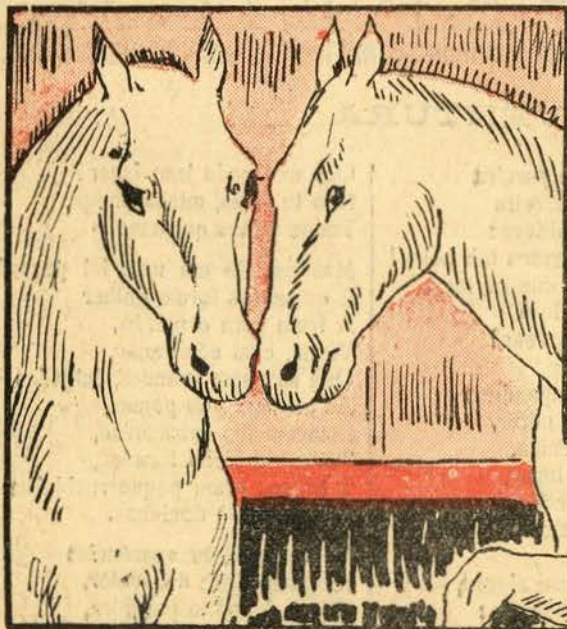
DE SANTA
RITA



O TEIMOSO e o TIRA TEIMAS

Por MARIO COSTA PINTO

A cidade estava engalanada. Realizavam-se as festas do verão, que, como sempre, motivam grande afluência de forasteiros.



Pelas ruas desfilavam cortejos ao som de tambores vistosos e toda a gente dava largas ao seu entusiasmo.

Repicavam sinos e estralejavam foguetes; até a velha professora, que nunca ria, se mostrava menos grave com um bocadinho de carmim a emoldurar-lhe os lábios.

Do programa das festas fazia parte uma grande corrida de cavalos, anunciando-se que viriam às provas, dois cavaleiros célebres, que tinham os nomes de «Teimoso» e «Tira-Teimas».

O primeiro pertencia a um homem muito rico e o segundo a um oficial do exército.

Ambos os cavaleiros costumavam correr sempre juntos nestes cavalos e, por isso, conheciam-se lindamente. Davam-se muito bem, embora fossem rivais em extremo, e os cavaleiros eram, entre si, igualmente rivais...

Chegaram, ao campo de corridas, uns dias antes das provas e foram «habitar» a mesma cocheira. Enquanto não chegava a hora da competição, foram comendo e conversando...

Dizia o «Teimoso»:

— «Vais ver como ganho todos os primeiros prémios! Não há na Europa cavalo algum que me suplante!»



E o «Tira-Teimas» pôs-se a rir e comentou:

— «Em vaidade, és sempre o primeiro...

Da conversa amena, passaram a violenta discussão e, pouco depois, o «Teimoso» e o «Tira-Teimas» já não se entendiam...

Sempre altercando, passaram o tempo.

Quando chegou o dia da corrida, acordaram muito cedo e o «Teimoso», vendo o companheiro a comer com grande apetite, largou-lhe este gracejo:

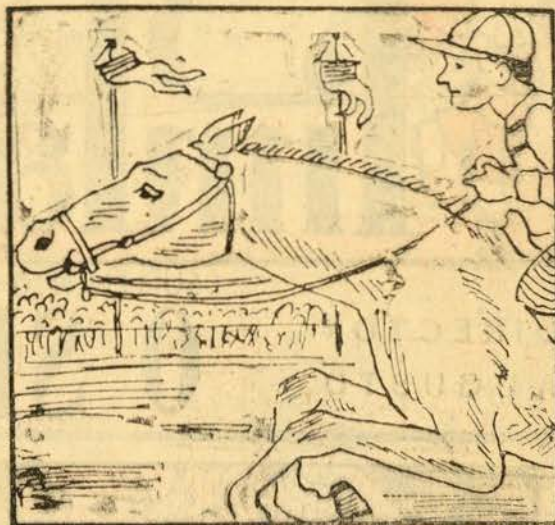
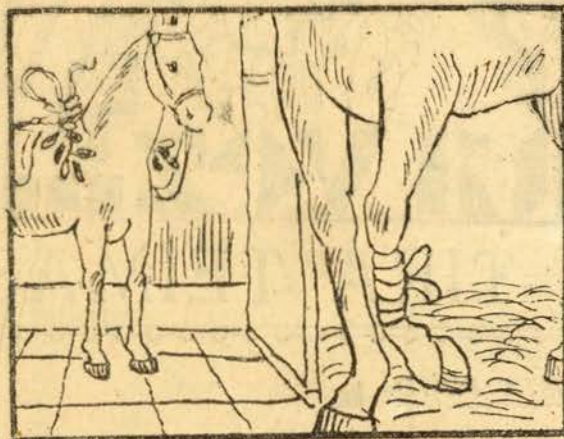
— «Não comas tanto, amigo. Olha que a encheres a barriga de palha dessa maneira, logo está pesada e não te deixa correr!...»

O outro fez de conta que não tinha ouvido e continuou comendo — porque nestas coisas o desprezo é o melhor...

Eram 5 horas da tarde quando os dois cavalos se encontraram no hipódromo onde não havia, sequer, uma barrreira vaga!

Miraram-se e, disfarçadamente, voltaram o focinho.

Quando a sineta deu o sinal de largada, lançaram-se ambos numa veloz correria. Saltavam sébes e trincheiras com tal facilidade que a multidão hesitava em apostar quanto ao triunfo definitivo. Aquilo estava muitíssimo sério.



A primeira volta correa muitíssimo bem para o «Tira-Teimas» que levava uns segundos de avanço sobre o «Teimoso».

Este, pouco contente com a sua sorte, quiz esforçar-se, mas fê-lo com tal infelicidade, que torceu uma das mãos. Cômico, mas teimoso, continuou correndo. Todavia, coitado, torceu a outra mão e ficou fora da corrida.

Muito choroso, voltou para a cavalaria lamentando a sua triste sorte e levando o acidente à conta de castigo da sua vaidade.

Entretanto, o «Tira-Teimas» era proclamado vencedor após haver feito frente a algumas dezenas de bons cavalos.

Quando o «Tira-Teimas» voltou para a cavalaria em que se encontrava o seu infeliz rival, esperava ser acolhido com apupos por ele, mas só ouviu esta lamentação:

— «Ai, amigo «Tira-Teimas»! Nunca o nome te ficou tão bem!...»

A história termina aqui e dela devemos tirar este conceito: — «Julgamos ter um amigo no orgulho e temos um inimigo!»

AS DUAS PEREIRAS

Por FELIZ VENTURA

NUM pomar, muito frondoso,
Havia duas pereiras:

Uma, baixinha, engraçada,
De copa muito fechada
E de porte encantador;
Dava frutos pequeninos,
Amarelos, redondinhos
E de agradável sabôr.

A outra: — alta, frondosa,
Com uns ares de rainha,
Pois grande vaidade tinha,
Dava frutos colossais;
Tão grandes que até faziam
Com que fôssem escorados
Os ramos que, de delgados,
Com tal peso não podiam.

Ora, às vezes, esta pereira
Dizia em voz chocarreira
Com uma grande altivez:
— «Olha os meus frutos tão belos!
São bem melhores que os teus.
Pelo tamanho e beleza
São até dignos dos céus!

Os teus são tão pequeninos
Que até me fazem córar,
Melhor te fôra, menina,
Que mudasses de lugar,
Pois de maneira nenhuma
Podes comigo igualar.»

Mas a outra, sempre alegre,
Respondeu sem medo ter:
— «Tu és grande, eu sou pequena,

Que mal pode isso fazer?
Não te rales, minha amiga,
Todos temos que viver.»

Mas quando um mês foi passado,
E os servos foram colher
A fruta para o patrão,
Viram, com admiração,
Que as peras grandes, julgadas
As melhores do pomar,
Estavam tão estragadas,
Tôdas de bicho furadas,
E as que eram pequerruchinhas
Eram boas e docinhas.

Na verdade, às aparências
Ninguém deve dar valôr.
O que é bonito por fóra,
Às vezes, só tem bolôr!



Que a mosquinha ouviu...

Por AUGUSTO DE SANTA-RITA
(Continuado do número anterior)

ZECA (com simplicidade)

Minha senhora,
eu vou... A praça é a dois passos...

A MESTRA (surpresa e caritativa)

Tu?...
Que trazes o corpinho quasi nu?...
Não consinto; virias encharcada.

ZECA (afastando-se)

Não faz mal, eu estou habituada
ao temporal, ao frio, à chuva, ao vento.

A MESTRA (chamando-a)

Zeca, Zeca, não vás!...

ZECA (já a distância)

É um momento.

MIMI

Ih, que grande relâmpago, Jesus!

A MESTRA

Lá vai, lá vai, com seus pezinhos nus,
sem nada na cabeça, coitadinha!

MIMI

Não corre, vóa; vóa ligeirinha!
(Novo trovão maior. — Um silêncio)

A MESTRA

Lá vem um automóvel... É já ela,
que belo coração, que alminha bela!

ZECA (abrindo a portinhola da almofada do taxi)

Pronto.

A MESTRA

Não desças; fica, anjo sem asa,
connosco irás!... Vamos levar-te a casa.
(Ruído do taxi, que se afasta)

A NARRADORA

Cessa, entretanto, a chuva; o azul dos céus
surge brilhando à luz do Sol radioso
e a mosquinha dourada volta a Deus
a contar-lhe o que viu, cheia de gozo...

De gozo e mágoa, a mágoa de ter visto
uma menina sem amor cristão,
e gozo ao ver uma alminha de Cristo
dotada de tão nobre coração.

Quando, porém, a sua débil asa
voava já na direcção do Céu,
baixa, ao ver um incêndio numa casa,
e, poisando, suspende o vôo seu.

Um prédio todo em chamas... Entre o povo,
que assiste, emocionado, ao salvamento
dos que habitam a casa, um rapaz novo,
um pequeno escoteiro, ágil e atento,

valente, audaz, indiferente ao perigo,
auxilia os bombeiros na labuta...
O rapazinho chama-se Rodrigo.
A mosquinha dourada observa e escuta.



Pela escada magirus, um bombeiro
desce, trazendo uma mulher ao colo,
mas uma criancinha, num berreiro,
dispõe-se, já, a arremessar-se ao solo.

Tem seis anos, somente, essa criança.
Daquela altura era mortal a queda.
Crescem as chamas e já quasi a alcança
uma voraz e enorme labareda.

(Continua na página 6)

RAZÃO DE PÊSO

por G. B.



I — Por ter partido a cabeça depois de muito brincar, o Fernando, a tóda a pressa, vai para casa a chorar.



II — Animando-o, o Pai lhe diz: — «Para um Homem se tornar, sete vezes um petiz a cabeça há-de quebrar!»



III — Com uma cruz de adesivo, o pequenino Fernando, sempre traquinas e vivo, eis já de novo brincando,



IV — Mas, decorridos três dias, pois de brincar nunca cessa, após grandes tropelias, parte, de novo, a cabeça.



V — Vendo-lhe um leve arranhão e ante o seu choro sem fim, pergunta-lhe a Mãi, então: — «Mas porque choras assim?!...»



VI — E volve êle, a soluçar, farto de tantos reveses: — «Porque tenho de a quebrar ainda mais cinco vezes!»

AMOR DE MÃI

por MILAU

a' querida Mãizinha

NO berço, Bêbé, dormindo, está sonhando e está sorrindo para o seu Anjo da guarda. A mãe olha com ternura essa frágil criatura prestes a acordar; não tarda...

Pronto! Bêbé, despertando vai, devagar, descerrando seus olhos à luz do dia. Encontrando o olhar da mãe:

— Meu filho, meu doce bem!! — Oh! que infinita alegria!



E como ri, o inocente, como palra, alegremente, erguendo os braços, ansioso! Não sabe ainda beijar, mas vai, talvez, ensaiar, um beijinho carinhoso,

Tão pequenino, adivinha no coração da mãizinha todo o amor que ela lhe tem, — ardente, avassalador! —

No mundo não há amor igual ao amor de mãe!

A ROSA PATETA

por LEONOR DE CAMPOS

TIVE uma criada, chamada Rosa, que era um modelo de estupidez e de imbecilidade. *Imbecilidade*, meus amiguinhos, quer dizer *pa-ter-mice*.

Pois bem. A Rosa era tão palerma, tão palerma, que julgo ser difícil encontrar outra que se lhe assemelhe.

Certo dia, andava eu a pregar uns caixotes. Nisto, batem à porta. A Rosa vai abrir. E volta pouco depois:

— «Minha senhora: está ali um *vi-sito* que quer falar à senhora.»

— «Quem é?» — perguntei.



A Rosa voltou à porta. E, quando regressou, chega junto de mim e diz-me baixinho, muito enojada:

— «Pois, minha senhora. A mim *inté* me custava a *acraditar* que houvesse uma alma cristã com um nome tão porcalhão. Então o *tais* homenzinho *nan* jura que se chama Barros?! Ora veja lá a senhora se não é mesmo porcaria um homem chamar-se uma coisa que costuma estar no chão, misturada com terra!...»

Dei uma gargalhada, que deixou a Rosa com cara de parva. Atirei o martelo para cima duma poltrona e fui atender o senhor Barros.

Apenas este saiu, voltei à minha tarefa de pregar caixotes. Mas... não me recordava do sítio onde colocara o martelo. Procurei, procurei, mas em vão. É que o tal martelo resvalara e estava entalado entre as costas da poltrona e as molas. Então, chamei a Rosa:

— «Vem cá e ajuda-me a procurar o martelo. Não sei onde o meti!...»

A rapariga encetou logo as pesquisas. Afadigada, corria dum para outro lado, batia almofadas, empoleirava-se em cadeiras, abria armários, folheava livros.

A certa altura, muito admirada por ver que ela sacudia o *abat-jour*, perguntei:

— «Mas que estás tu a fazer, rapariga?»

— «Estou à *précure* daquilo!...»

— «Daquilo, quê?»
— «Do que a senhora mandou!...»
— «Mas, então, para que foste sacudir o *abat-jour*?»

— «É que podia estar lá!...»
Então, eu perdi a paciência:
— «Anda cá, pateta. E dize-me: afinal, que andas tu a procurar?»

— «Ai, isso é que eu *nan* sei!... *Nan* *precebi* o que a senhora queria!... Mas *nan* faz mal. Tanto hei-de *précure*, que o hei-de encontrar!...»

E a palerma da Rosa voltou-me as costas e foi levantar a tampa da caixa



— «Eu sei lá, minha senhora. Eu cá *nan* no conheço!...»

— «Mas, então, volta lá e pergunta-lhe o nome, com delicadeza.»

Pouco depois, surge a Rosa com uma cara muito comprometida:

— «Ele diz que é o senhor *Burros*!...»

— «Burros?! — disse eu, surpreendida. — É impossível... Deve ser qualquer outro nome. Vai saber melhor...»

Daí a pouco aparece de novo a rapariga, de testa franzida:

— «É que eu cá enganei-me. Não é o senhor Barros; é o senhor *Berros*!...»

— «Ó mulher!... Tu não estás boa da cabeça!... Não conheço ninguém com esse apelido!...»



dos selos, a ver se encontrava o que eu perdera, embora ela não soubesse o que tinha sido.

Hei-de contar aos meus amiguinhos outras patéticas da Rosa, que tem tantas, tantas, que nem um livro grande como os «*Lusiadas*» chegaria para as relatar a todas!...

F

I

M

O QUE A MOSQUINHA OUVIU...

(Continuado da página 3)

(Ruído de multidão alvoroçada. — Disco)

UMA VOZ

Salvem, agora, aquela criancinha
do quarto andar!

UM BOMBEIRO

Impossível!

A VOZ DA CRIANÇA (numa aflição)

Mãezinha!...

O BOMBEIRO

As chamas já não deixam lá chegar!

RODRIGO

Vou lá eu, vou lá eu... Hei-de a salvar!

O BOMBEIRO

Tu, pequeno?! Impossível! As trapeiras
já chega o fogo!

RODRIGO

Apontem-me as mangueiras
à medida que eu for subindo a escada!

O BOMBEIRO

Mas não vês que não podes fazer nada?!
Aí, morres!

RODRIGO

(debatendo-se entre as mãos dos bombeiros que o seguram)

Larguem-me, deixem-me ir...

UM BOMBEIRO

Não; morres!

(exclamação de dor)

mordereste-me na mão!... Pois vai-te, vai,
e que Deus te proteja!...

OUTRA VOZ

Audácia cega!

Não hesita um segundo.

OUTRA VOZ

Ei-lo que chega
junto da criancinha! Aí valente!
E ei-lo trazendo-a ao colo, heróicamente!

(Palmas, exclamações)

A NARRADORA

Ergue-se uma vez mais a môsa de ouro
e uma vez mais no espaço ela zumbiu,
cumprindo o seu mestêr de belo agoiro,
para dar conta a Deus de quanto viu.

Vai contente a mosquinha... Anoiteceu...
já vai além da lua e das estrélas,
já se pressente a nivea luz do Céu,
luz mais intensa que um milhão de velas!

(Música celestial: — órgão)

Já a suave, branda, doce e casta
melodia de Amor enche o P'raiso,
onde, para se entrar, apenas basta
trazer na boca a chave dum sorriso.

Já à porta do Céu toca a sineta...
já Deus vem ao encontro da mosquinha
que, volitando, alvoroçada, inquieta,
clama na sua voz tão meiga e azinha:

— «Senhor, Senhor, na Terra, uma menina
humilde e boa, existe; que merece
de entre todas as prendas a mais fina,
pois até com os anjos se parece!»

Conta-lhe o que ela fez. E o Padre Eterno
pregunta à môsa: — «O nome seu?...»

— «É Zeca.

E já Nosso Senhor, em seu caderno,
aponta: — Uma lindíssima boneca.

— «Que mais viste de belo, no Planeta,
que seja digno de registo aqui?»
É a mosquinha doirada, toda inquieta,
volve: — «Outra acção prodigiosa eu vi!»

E conta a cena do incêndio, o acto
do pequeno escoteiro, heróico, audaz,
salvando a criancinha. Ao seu relato
uma lágrimazinha, pertinaz,

aflora aos olhos do Senhor que pensa:
— «Como hei-de eu premiar este rapaz
que tem já n'alma uma força imensa
e de brinquedos nenhum caso faz?»

Já sei, já sei! — (clama o Senhor, contente.)
Vou acender no Céu mais uma estréla!
Será, sem dúvida, o melhor presente,
pois sua boa estréla vai ser ela!

De hoje para o futuro, o seu Destino
será por ela conduzido e, pois,
esse valente e excepcional menino
terá o fim glorioso dos heróis!

Traçando, então, nos ares, uma cruz,
desde esse sacratíssimo momento,
um astro mais, de refulgente luz,
passou a haver no azul do firmamento.



ADIVINHA

Este pombo cor-
reio pertence a
uma Sociedade
Colombófila, cujo
presidente se pode
ver também no de-
senho acima.

ANEDOTAS

POR MANUEL FERREIRA

I—O Manel da Esquina era o salão mais reinadio que existia nos arredores de Canecas.

Quando era pequenino, entretinha-se, vendo a mãe fazer doces, e dizia, muitas vezes:

— Que pena é a mãe estar, assim, tão caladinha!...

— Então, o que desejavas tu que eu dissesse?

— Ora essa! A mãe, enquanto fazia o doce, podia dizer-me: — queres provar?

II— Outra vez, o Manel encontrou o filho de um dentista, que fôra a Canecas passar as férias. O menino fino observou:

— Parece impossível que, sendo teu pai sapateiro, andes descalço...

— Ora, ora! Grande admiração! Também teu pai é dentista e o teu irmão pequenino anda sem dentes!...

III— Manel foi ao padeiro comprar um quilo de pão. O caixeiro deu-lhe um pão mas não o pesou. O rapaz disse:

— Falta-lhe o peso!

— Não te importes — (disse o caixeiro) — Leva-te menos tempo a comer.

Manel tira da algibeira um escudo e põe-o sobre o balcão.

Faltam dois tostões, — disse o caixeiro.

— Não se importe. Leva-lhe menos tempo a contar!

IV— Um salão veio servir para Lisboa. E no dia da chegada, encontrou um patricio.

— Olá, tio «Toino»

Por cá, Manel? Diabo, estás com um cara muito triste. Que aconteceu?

— É por via do trabalho que arranhei. É de rebentar! Desde as sete da manhã até depois da ceia, sem descanso quasi.

— E já estás há muito tempo nesse trabalho?

— Não senhor. Começo amanhã...



CONCURSO DOS PALACIOS E MONUMENTOS DE PORTUGAL



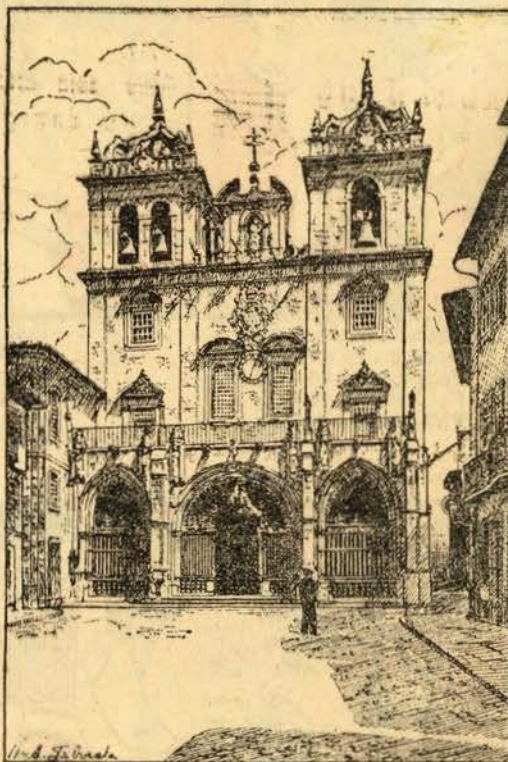
REFERENCIA AUXILIAR

Eis uma das mais antigas catedrais do País, construção românica atribuída ao século XII. Está, porém, averiguado que já existia no tempo do predomínio romano na Península, tendo sido, também, segundo a tradição, um templo gentílico erecto em honra de Isis, divindade dos egípcios.

Reedificada por D. Henrique e sua mulher D. Tereza, por volta do ano 1100, fizeram-se, depois, sucessivas reconstruções, variando os estilos architectónicos segundo as diversas épocas. Quanto à sua antiguidade é notório um dito popular que bem a caracteriza e cujo sentido é: *tão velho como a Sé de...*

Nela repousa o infante D. Afonso, filho de D. João I, e da rainha D. Filipa, encontrando-se o seu corpo depositado num túmulo de bronze, mandado vir de Flandres, pela infanta D. Isabel, sua irmã.

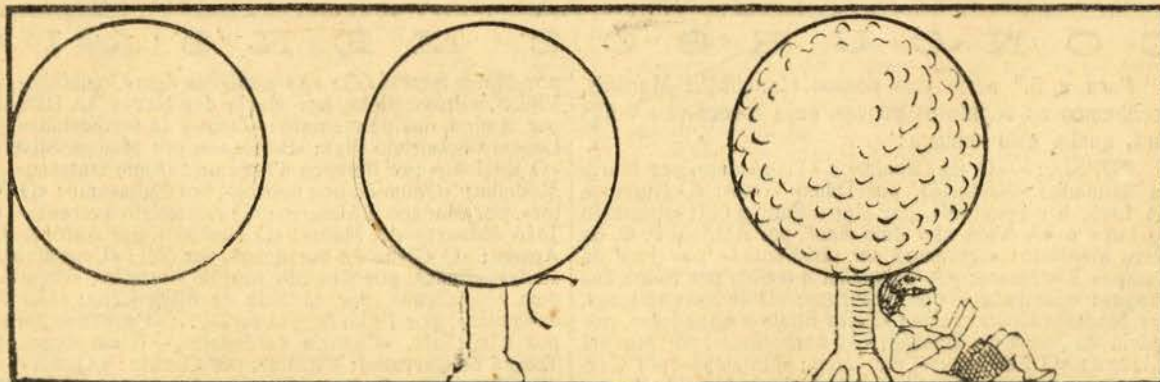
Mandado construir pelo arcebispo D. Diogo de Sousa encontram-se lá, também, túmulos onde jazem os restos de D. Henrique e sua mulher, refun-



dadores do templo, como já dissemos, e ainda as do arcebispo já citado, do arcebispo D. Lourenço Vicente, de D. Gonçalo Pereira e outros.

A fachada do monumento é do século XVIII, com a «galilé», quatrocentista. A porta principal é um mixto de estilo românico e século XVI, e a lateral do sul é românica também.

L I Ç Ã O D E D E S E N H O



Como se desenha um menino a lêr à sombra duma árvore

A resposta do Zézinho

Por **FELIZ VENTURA**



I — Zézinho, numa manhã,
Devagar, pé ante pé,
Para a mãe não o sentir,
Foi à criada pedir
Fuligem da chaminé.



II — Ficou pasmada
A criada
Quando ouviu tal disparate
E disse, vendo-o com pressa:
«O menino, com certeza,
Que não está bom de cabeça!»

III — Porém, sem hesitação,
Responde o Zézinho, então:
— «Olha lá, tu não disseste
Que a Ninita
Pequenita
Vai-se, às vezes, esconder
Para dentro do jardim,
Quando a noite é sem luar?



IV — E que por ser bem pretinha
Fecha os olhos, fecha a bôca,
E, assim, pela noite escura,
Escondida entre a verdura,
Ninguém a pode encontrar?



V — Ora eu, com a fuligem,
Quero a cara enfarruscar
E depois as mãos e os pés
Para pretinho ficar.
— «E para quê, meu menino,
não me podia explicar?»

VI — Para quê? É muito simples.
Quando, à noite, o mau Papão
Me vier para buscar,
Eu faço como a Ninita:
Fecho os olhos, fecho a bôca,
No jardim vou-me ocultar.
E o Papão, desta maneira,
Já me não pode levar!»

CONCURSOS MENSAIS

Para a 3.^a série dos nossos Concursos Mensais, recebemos as seguintes provas, cuja apreciação o júri fará, ainda, esta semana:

POESIA: — «O meu sonho» e «Trindades», por Maria da Saudade; «Mistério», por Dama Triste; «O Burro» e «A fonte e o rouxinol», por Mário Santos Gil; «Regresso ao Lar» e «A Vida são dois dias», por António F. C. da Silva Maurício; «Devemos ser obedientes», por José de Campos Rodrigues; «A Toupeira e o Sol» por Poeta das Fragas; «Saudades», por Superbus; «Dois bons amigos», por Modesta Concorrente; «Amor filial» e «Anedota», por Maria de Jesus dos Santos; «As borboletas», por Manuel Silveira; «O Zé Carlos», por Neco; «Máizinha», por Carlos; «A criança abandonada», por David de Almeida Preto; e «Crianças» por Ivete.

CONTO: — «Os Pobrezinhos» e «Orgulho desfeito»,

por Mário Santos Gil; «As ambições dum Coelhoinho», por Vinevi; «Provérbios», por Maria das Neves; «A Batalha», por Amigo dos pequeninos; «Depois da tempestade», por Leonel Figueiredo Pias; «Bondade», por Manuel Silveiro; «O tio João» por Maneco d'Almalan; «Amor materno», por Medelim; «Quem dá aos pobres», por Eu-mesmo; «O Pastor», por Maneco d'Almalan; «O milionário aventureiro», por João Menezes de Matos; «O Destino», por António José Amaro; «O Cisne de borracha», por Nél; «Uma diabrura da Izabelinha», por António José de Almeida; «Prémio de uma boa acção», por António da Silva Cruz; «Um filho exemplar», por Filho és, pai serás...; «Pequenos heróis», por Almirante; «História verdadeira», — (Uma lição), por Tereza de Carvalho; «Rosita», por Ceulita; «Ajuda o menino Jesus», por Fanny; «O vestido rasgado», por Saudade errante; «Querer é Poder», por Mater; e «O prémio da Indulgência», por José de Campos Rodrigues.